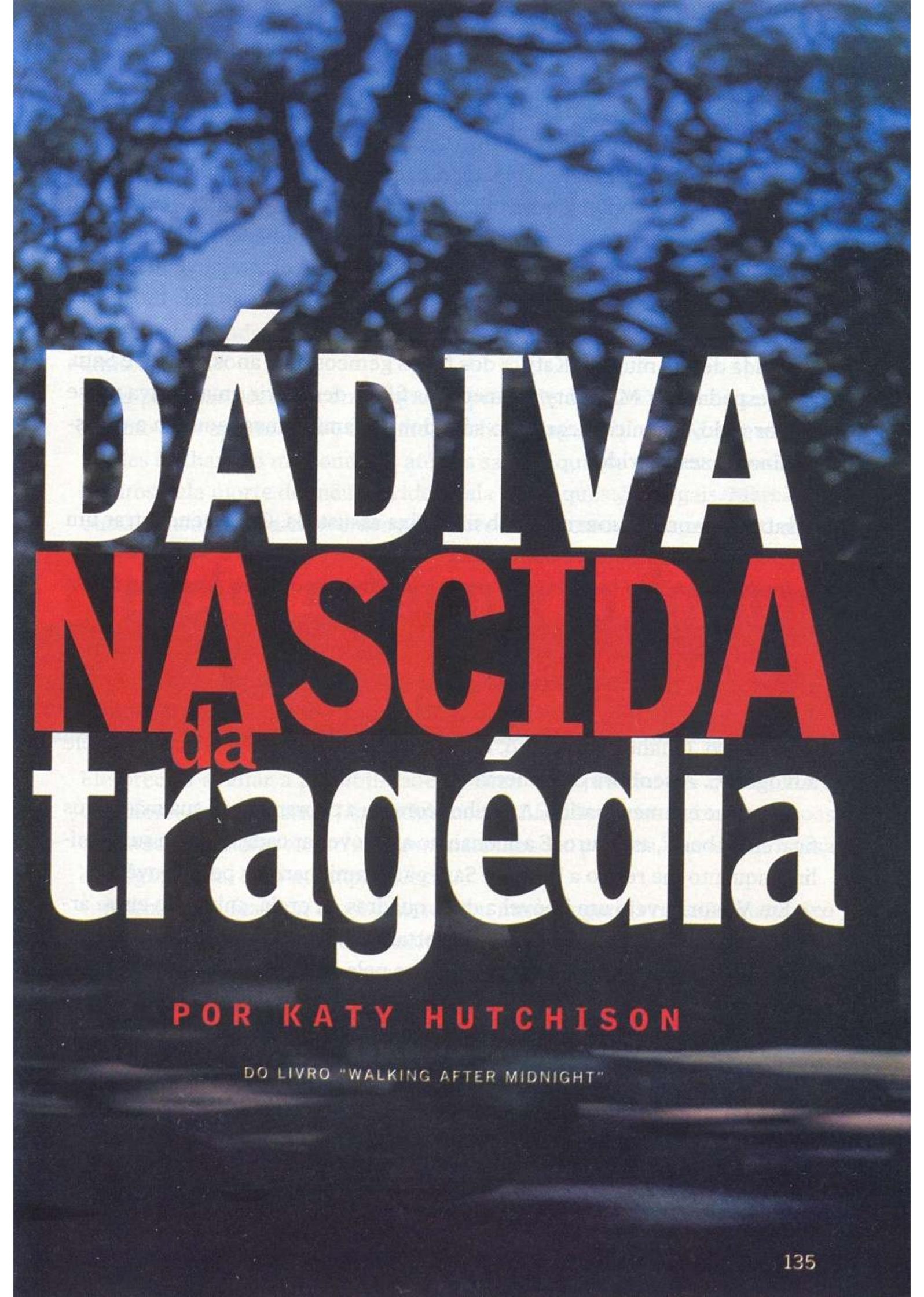


LIVRO DO MÊS

Katy Hutchison
nos fala sobre
o assassinato
brutal do
marido e do
emocionante
desenlace da
história.



DÁDIVA
NASCIDA
da
tragédia

POR KATY HUTCHISON

DO LIVRO "WALKING AFTER MIDNIGHT"



NO-NOVO, 1997. Bob McIntosh, advogado famoso e atleta de Squamish, no Canadá, vai até a casa do vizinho Richard Cudmore, que está de férias no México. A casa ficara sob os cuidados do filho adolescente, Jamie, e Bob foi até lá verificar se estava tudo bem. Ao chegar, encontra quase 200 jovens numa festa regada a be-

bidas alcoólicas e drogas. Ao tentar tirá-los de lá, é atacado e chutado repetidamente na cabeça. Levado às pressas para o hospital, morre de hemorragia cerebral.

A vida de sua mulher, Katy, e dos filhos gêmeos de 4 anos, Emma e Sam, fica despedaçada. Mas Katy promete aos filhos descobrir uma dádiva nesse horror todo, que cicatrizará não só a dor da família mas também a do assassino de seu marido.

A BRUTALIDADE DA MORTE de Bob me deixa assustada. Quero encontrar um lugar seguro para Emma e Sam crescerem, e esse lugar não é Squamish. Preciso estar perto do mar, onde a areia e as ondas poderão amenizar nossa perda. Organizo, então, uma viagem à Ilha de Vancouver, onde cresci.

A balsa desliza sobre as águas escuras e observo os gêmeos brincando na área de recreação. Ao meu lado senta-se uma mulher grávida. Puxando conversa, revela que vive em Lions Bay, ao sul de Squamish, e pergunta onde moro. Quando lhe conto, ela comenta: “Que horror o caso daquele advogado... A senhora o conhecia?”

Digo que era meu marido. A mulher começa a chorar e pego sua mão. “Nós ficaremos bem”, asseguro. E a aconselho a aproveitar cada dia com sua família, enquanto me reúno a Emma e Sam para caminharmos pelo convés.

Em Victoria, vejo um imóvel a duas quadras da praia, aninhado entre árvores. No minuto em que passo pela porta, sinto-me em casa. Telefono para o sócio de Bob e digo que farei uma oferta pela casa.

De volta a Squamish, tenho dois meses para me mudar. Cada dia é frenético. À noite, o tempo parece se arrastar. Deito-me na cama, mas a tristeza me atormenta. Na maior parte do tempo, o que sinto é medo – de não saber exatamente o que aconteceu a Bob, de criar Emma e Sam sem a figura do pai... A polícia continua a interrogar os participantes da festa. Embora os policiais tenham acusado um jovem de homicídio doloso por ter socado Bob na cabeça e o deixado inconsciente, eles acreditam que há mais envolvidos na história.

Depois de conversarmos sobre assuntos pessoais, legais e financeiros, o sócio de Bob sugere que eu arranje um advogado mais próximo de minha nova residência, e me dá o cartão de um amigo, que estudou com ele na faculdade de Direito, em Victoria. “Michael Hutchison é um bom homem”, diz. “Parece um jogador de rúgbi e tem um bigode que faz lembrar uma morsa.”

Semanas depois, marco uma consulta. Sou levada pela recepcionista à presença de um cavalheiro forte, de terno cinza risca-de-giz. Tem cabelos brancos e bigode farto, igualmente branco, que emolduram um sorriso amistoso.

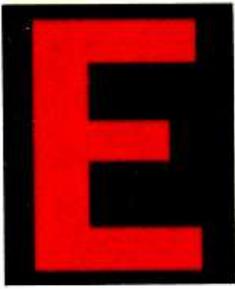
As palavras escapam antes que eu possa detê-las. “O senhor se parece mesmo com uma morsa!”, exclamo. Michael reage surpreso. Mas seus olhos verdes brilham ao me conduzir até sua sala, enquanto expressa seus sentimentos pela morte do meu marido e fala sobre questões legais. Marcamos outra consulta para conversarmos sobre o processo de homicídio doloso.

**Preciso estar perto do mar,
onde a areia e as ondas poderão
lentamente amenizar a nossa perda.**

Ele precisa avaliar a possibilidade de uma ação judicial em que Richard Cudmore, dono da casa, Jamie Cudmore, anfitrião da festa, ou as pessoas que atacaram Bob possam ser responsabilizados por sua morte, por causa de negligência, dolo ou imprudência.

Michael me faz ficar tão à vontade em nossa segunda reunião que baixo a guarda, e as lágrimas correm soltas. Ele faz anotações e planeja uma viagem a Squamish para interrogar algumas pessoas. Pelos três meses seguintes, vou ao seu escritório toda semana. Em nossas conversas, descubro que Michael é um pai separado. Seu filho de 17 anos, Adam, vive com ele; Carlie, sua filha de 8, mora com a mãe e visita o pai em fins de semana alternados.

Em uma das reuniões, Michael diz que meu foco parece estar inteiramente em meus filhos. “Já é hora de deixar alguém fazer algo por você”, sugere. “Será que posso levá-la para jantar?” Embora eu ache que fez o convite por solidariedade, saio do seu escritório sorrindo.



M 3 DE JULHO DE 1998, as crianças estão assistindo a um filme com minha tia Jean, que se oferecera para tomar conta delas, quando a campainha toca. As mãos de minha filha alcançam a maçaneta antes mesmo que eu possa chegar à porta. Michael nem acaba

bou de entrar quando Emma lhe pergunta, abertamente:

– Você vai se casar com minha mãe?

– Bem – responde Michael –, na verdade pensei em levá-la para jantar fora...

Emma não desiste:

– Se você decidir se casar com ela, pode por favor fazer isso antes do primeiro dia de aula? Eu preciso de um novo pai para o jardim-de-infância.

Michael é ótima companhia para um jantar. Conversa com facilidade e conta histórias engraçadas. Afasto da cabeça a idéia de que me convidou por sentir pena de mim. Não penso no quanto é estranho estar sentada diante de um homem que não é Bob. Horas depois, quando ele me leva até a porta de casa, beijo-o no rosto e digo que a noite foi ótima. Ao entrar, conto os detalhes à minha tia, e ela fica contente que eu tenha gostado do “encontro”.

Na noite seguinte, deparo com um buquê de flores na minha porta e reconheço a letra de Michael no envelope. “Katy”, leio no bilhete, “obrigado pela noite primorosa... Tenho sorte de tê-la encontrado... Na vida, são raros os momentos envolventes de verdade... Obrigado, Michael.”

Pela manhã, levo horas para escrever minha resposta.

Naquela noite, Michael telefona. Ele ficará fora vários dias. Nossa próxima oportunidade de nos encontrarmos será numa entrevista coletiva à imprensa, mais para o fim da semana, quando anunciaremos o processo por homicídio doloso. O que se segue são cinco dias de longas conversas telefônicas e *e-mails*.

Enquanto delicadamente exploramos o coração um do outro, Michael expressa o que ambos estamos pensando: *devo decidir se ele vai ser meu advogado ou meu namorado*. O momento é, sem dúvida, inoportuno. Mas será que existe uma hora conveniente para alguém se apaixonar? Concor damos em anunciar a ação judicial e, logo depois, cortar nossa relação profissional.

Na entrevista coletiva, respondo às perguntas previsíveis sobre raiva e vingança. É exaustivo ter de repetir que sinto uma saudade enorme de Bob,

mas que isso não significa que tenha de odiar as pessoas que cometeram o crime, pois o ódio simplesmente aumentaria o desespero irremediável da tragédia.

Michael e eu nos casamos em uma cerimônia civil em casa. Para mim, nosso casamento estará para sempre representado na foto tirada quando estávamos prestes a nos beijar: Sam tem as mãos sobre o rosto e Emma está com os olhos voltados para cima. Por volta das oito da noite, os convidados tinham ido embora, a máquina de lavar louça estava funcionando, as roupas foram arrumadas para o primeiro dia de aula e o desejo de Emma tinha sido realizado.



Bob e Katy tinham planejado passar a vida juntos.

DURANTE OS DOIS ANOS SEGUINTEs, ainda perco a respiração toda vez que o telefone toca. *Será a polícia? Há alguma novidade por parte da investigação?* A acusação de homicídio contra o jovem que prenderam é suspensa em setembro de 1998. Os depoimentos das testemunhas são inconsistentes, o promotor público teme que o caso possa ser desmembrado. Embora o rapaz tenha provavelmente derrubado Bob, não está claro o que aconteceu depois. Quanto ao processo por homicídio doloso, em 2000 decido abandoná-lo, sob aconselhamento jurídico.

Por fim, em junho de 2001, recebo uma ligação de Vancouver, da Real Polícia Montada do Canadá: eles em breve efetuarão uma prisão. Mas não o fazem. As provas ainda são inconsistentes. Meses depois, viajo a Squamish para me encontrar com o cabo Hugh Winter, que está no caso desde o início. Ele me diz que a polícia tem um suspeito chamado Ryan Aldridge.

Assim que ouço esse nome, algo acontece. Embora não conheça Ryan, ele se torna real. Quero estar presente quando ele for preso. Hugh parece confuso. “Creio que não vou ter prazer em vê-lo ser retirado do tribunal algemado. O que fará com que eu me sinta melhor será saber que posso encontrá-lo cara a cara”, digo. Preciso explicar o impacto que a morte de Bob teve sobre mim e minha família. Preciso lhe perguntar o que o fez matar meu marido.

Uma vida acabada; outra esperando uma decisão. Estou determinada a evitar que Ryan seja mais um caso perdido.

Hugh explica que minha solicitação não é um procedimento policial padrão. “Nós podemos gravar em vídeo a conversa que a senhora quer ter com Ryan”, argumenta. “Farei o possível para mostrá-lo a ele, no caso de efetuarmos a prisão.”

Volto a Squamish uma semana depois para a gravação. Ryan precisa saber algo sobre o homem cuja vida tirou. Quero que tome conhecimento do quanto Emma, Sam e eu lutamos para recompor nossas vidas. Digo a Ryan que ele precisa fazer a parte dele. Ele, que se escondeu em Squamish esperando que tudo passasse. Digo-lhe que se ele conseguir se confessar, posso encontrar em meu coração o modo de lhe dar apoio durante seu percurso pelo sistema judiciário. “Tudo o que desejo a você”, afirmo, “é o que você tirou de Bob: uma vida feliz e produtiva.”

Em 21 de junho de 2002, recebo um telefonema. Ryan Aldridge está sob custódia. Desligo o telefone, tremendo da cabeça aos pés.

Ele assistiu ao meu vídeo. A polícia o interrogou durante duas horas, esperando obter as respostas que vinha procurando desde 31 de dezembro de 1997. Então Ryan lhes pediu que chamassem sua mãe. Diante dela, desmoronou e confessou. A polícia já dispõe do que precisa.

O telefone toca de novo. Depois que a mãe saiu, Ryan voltou para sua cela e escreveu duas cartas pedindo perdão – uma para mim e meus filhos, a outra para a comunidade de Squamish. Ele perguntou à polícia se poderia me entregar as cartas pessoalmente. *Ainda tenho interesse em me encontrar com Ryan?* Não haverá nenhum policial na sala conosco, mas o encontro será

gravado em vídeo. Se eu concordar, a Real Polícia Montada do Canadá me levará de helicóptero até Squamish bem cedo pela manhã.

ENCONTRAR-ME COM ELE será mais doloroso do que virar-lhe as costas? Quero pensar que posso fazer a diferença e quebrar um ciclo. E então me lembro. No dia em que Bob foi morto, prometi a Emma e Sam que nós encontraríamos uma dádiva. Tínhamos nos apegado à crença de que, apesar da desgraça, deveria haver algo que valesse a pena salvar. Deitada sem conseguir dormir, sei que encontrar Ryan me mostrará se a dádiva de fato existe.

Na delegacia, estou numa sala sem janelas. A porta se abre. Ryan parece franzino e muito mais jovem do que eu esperava para seus 25 anos. É impossível imaginar que ele seja capaz de chutar alguém até a morte. A polícia lhe tirou o cinto e os sapatos, assim suas calças pendem da altura dos quadris enquanto ele arrasta os pés calçados com meias em direção à cadeira em frente à minha. Lentamente, levanta a cabeça. Eu quebro o silêncio dizendo que o pior já passou, agora que a verdade foi dita.

Ryan diz que sente muito pelo que aconteceu. Quando lhe pergunto o que ocorreu exatamente, ele não tem explicação. Consegue apenas fazer um relato confuso de uma surra que terminou antes de começar – bêbados encenando uma covardia patética. Eu falo de minha família e lhe pergunto sobre a sua. Explicando meu medo de expor ao trauma de um julgamento as pessoas com quem ele e eu nos importamos, apelo para que se declare culpado pelo assassinato, quando for ao tribunal.

Ryan me dá as cartas que escreveu. Sentimos desespero e medo. Um detetive entra e nos diz que o encontro terminou. Sou conduzida para fora. Ao me dirigir ao escritório de Hugh Winter, vejo em um monitor de circuito fechado a imagem de Ryan sozinho, soluçando, segurando fotos de meus filhos que a polícia deixou lá. Isso ficará na minha memória, ao lado da cena de Bob deitado morto no hospital. Uma vida desperdiçada; outra aguardando uma decisão. Estou determinada a evitar que Ryan seja mais um caso perdido.

Meus 20 minutos com ele significam mais para mim do que qualquer processo de tribunal que eu possa imaginar. O medo se dissipa, para ser substituído por uma profunda tristeza. O que poderia ter acontecido em seu mundo para fazê-lo capaz de algo tão terrível? Creio que nem ele sabe. Mas acho que percebe que, negando, jamais encontrará a resposta na prisão que criara para si mesmo.

Em casa, Michael e eu lemos as cartas de Ryan. Decidimos liberar para a imprensa a endereçada à comunidade de Squamish. A dirigida à nossa família, guardamos.



RYAN ALDRIDGE ENTRA NO tribunal de North Vancouver com a confissão de culpa em 17 de outubro.

Na audiência da sentença, em 28 de novembro, leio uma declaração do impacto que o crime teve sobre mim. Lentamente, uma voz que eu desconhecia possuiu surpreende-se com as palavras no papel: “Ainda revivo a cena na emergência do hospital... Em casa, enfrentei a tarefa de contar a meus filhos que seu pai estava morto. As semanas seguintes foram um misto de polícia, imprensa, família, amigos, a fria cama de casal e uma dor indescritível... Nestes quatro anos e meio desde o assassinato, minha vida tem sido descobrir como sobreviver sem Bob. Não sou a mesma pessoa de antes... Só quero me sentir normal...”

O JUIZ MARCA A SENTENÇA para 11 de dezembro. Ryan pega cinco anos de prisão. (Um outro acusado confessa a agressão e consegue liberdade condicional... com a exigência de participar de um processo de reconciliação.)

Ainda preciso entender por que Bob morreu. Não é nada específico com Ryan Aldridge. É que estou criando filhos que vão viver neste mundo. *O que está acontecendo por aí? Como posso ajudar a diminuir essa violência?*

Passo dirigindo por Oak Bay, minha antiga escola secundária, quando me vem a resposta. Ligo para Reta Clark, coordenadora de planejamento pessoal e de carreira da instituição.

No seu escritório, conversamos sobre idéias para uma palestra dirigida aos alunos. Ela me entrega uma pilha de material de leitura e vídeos, junto de uma lista de pessoas que devo procurar.

Recebo uma ligação de Pete Zubersky, policial da Real Polícia Montada: “Ouvi dizer que a senhora preparou uma apresentação para jovens. Tenho um horário reservado na Escola Secundária Parklands, quinta-feira próxima. Venha fazer um ‘test drive’ da sua apresentação.”

Naquela noite, sento-me no chão do escritório, cercada de velhas fotografias. Durante cinco anos tem sido difícil olhar para elas. A idéia de que possam ser usadas para uma boa causa permite que as veja de modo diferente. Usando uma câmera digital, faço fotos de várias delas, transfiro-as para o meu

laptop, e monto uma apresentação. Tudo se junta com facilidade. O fato de que Bob era um atleta de sucesso ajuda.

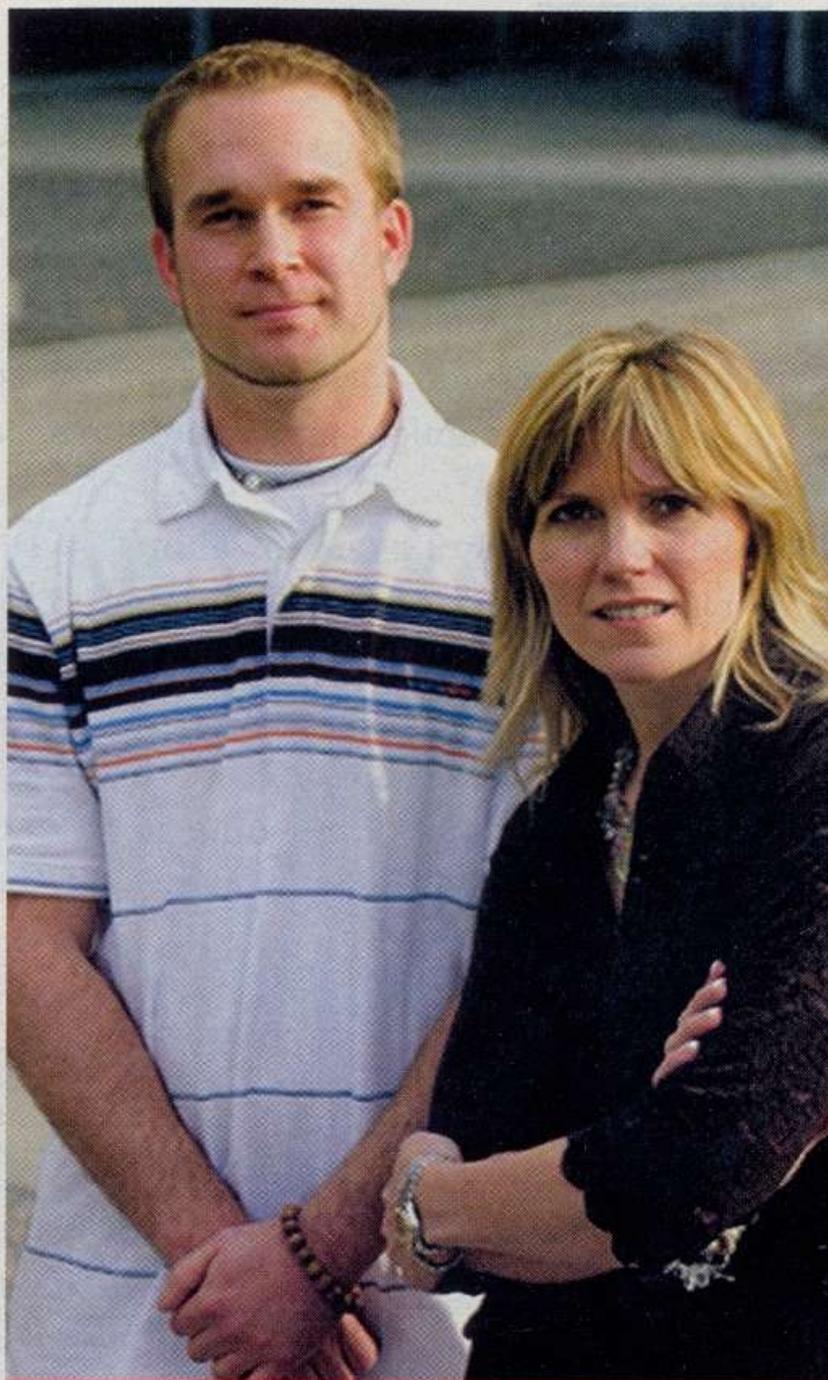
A biografia fotográfica é preenchida com flagrantes em que ele aparece praticando windsurfe, jogando hóquei e dando cambalhotas em saltos de esqui. E as fotos em que é visto cavalgando com amigos e usando trajes malucos certamente criarão um vínculo com a platéia.

A parte difícil acontece no dia seguinte, no escritório de Michael. Durante a ação civil, ele recebeu cópias dos arquivos da polícia e das fotos. Se uma delas pudesse, com dignidade e sem sensacionalismo, mostrar a terrível realidade da morte de Bob, valeria mais do que mil palavras.

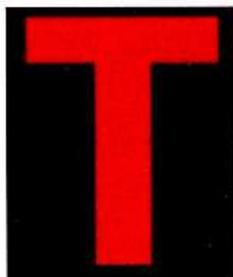
Eu mesma não consigo pesquisar os arquivos. Michael é que faz isso. Dali a minutos põe seus braços em torno de mim e diz que há uma foto que acha que seria apropriada. Coloca-a virada

para baixo sobre a mesa e sugere que, quando me sentir pronta, eu dê uma olhada.

Há poucos indícios de ferimentos, salvo um machucado na têmpora direita. Mas eu sei que Bob não é aquele corpo deitado diante da câmera. Ele faz parte do meu coração que acredita que todo mundo é inerentemente bom e merece uma chance. E é a constatação de que tenho a tarefa de ajudar a fazer do mundo um lugar mais seguro. A fotografia de Bob morto é o que dará vida ao meu trabalho.



Ao se declarar culpado, Ryan Aldridge deu seu primeiro passo para uma vida melhor, com a ajuda de Katy.



TRINTA ADOLESCENTES irrompem na sala de aula. Com meu computador ligado a um projetor, uma imagem de Bob ainda bebê surge na parede. Eu apresento Bob, e a garotada toda ri. Ufa! Lá vamos nós. A seqüência de fotos em que aparece jogando hóquei, praticando saltos de esqui na rampa e competindo em triatlos deixa a turma interessada. Mais risadas quando eu descrevo algumas das palhaçadas que ele e seus amigos ainda *aprontavam* depois de adultos.

PRESOS PELA BIOGRAFIA, os alunos se esquecem de imaginar qual seria a razão daquilo tudo. A sala fica em silêncio quando eu lhes mostro Bob no necrotério. Impossível. Como o conto de fadas pôde terminar? Enquanto o vídeo do enterro é passado em segundo plano, explico em detalhes nossa passagem de Ano-novo. Trinta rostos me olham fixamente, incrédulos.

Então começo a fazer uma análise sobre responsabilidade e riscos do uso de álcool e drogas, principalmente quando grande número de jovens está reunido. Pergunto quantos já estiveram numa festa com mais de 100 convidados. Muitas mãos se levantam. Pergunto quantos já estiveram numa festa em que nenhum pai estava presente. Ainda mais mãos são levantadas. Assegurando-lhes que provavelmente nunca verão alguém ser morto numa festa, destaco o que verão a seguir.

Amigos poderão beber demais e ficar embriagados. Talvez ter uma *overdose*. Outros poderão fazer sexo sem proteção e contrair uma doença sexualmente transmissível. Existirão casos de gravidez não desejada. Amigos tomarão a insensata decisão de ser passageiros em um carro dirigido por alguém que está bêbado ou *doidão*. E haverá enormes danos materiais nas casas onde ocorrem festas sem a supervisão de um responsável.

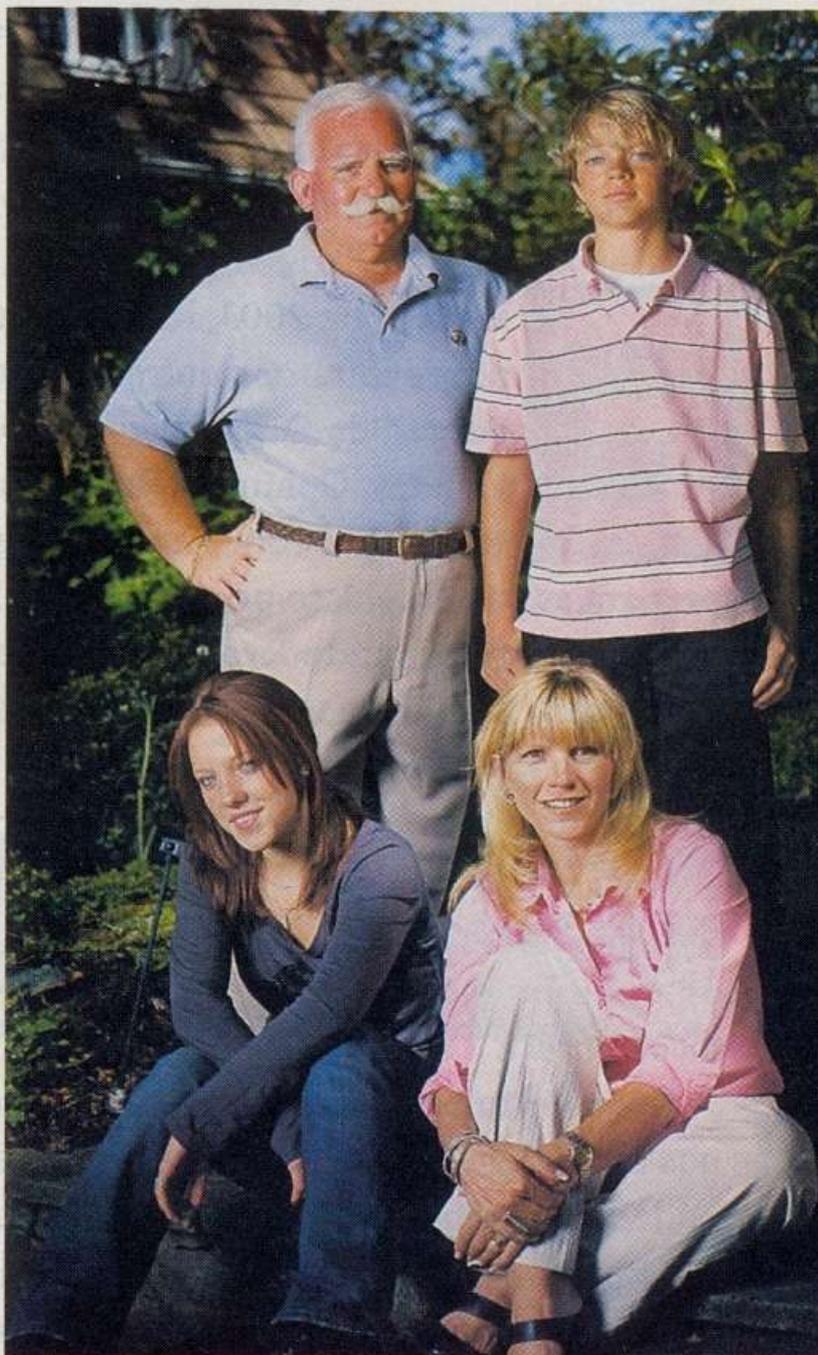
Cabeças se inclinam em sinal de aprovação quando lhes falo sobre o risco mais comum de todos: simplesmente o de se sentirem arrependidos do próprio comportamento no dia seguinte. Eles acordarão depois de uma noite de bebedeira e não se lembrarão se disseram algo de que possam se arrepender ou se deram em cima de alguém de quem, na verdade, não gostam. Tomo cuidado para minhas palavras não virarem um sermão. Espero que a meninada tire as próprias conclusões. Por fim, lanço um desafio: cuidem uns dos outros e peçam ajuda imediatamente se algo fugir ao controle. Nunca se esqueçam da história de Bob.

A adrenalina ainda está presente quando meto meu *laptop* de volta na pasta. Assim que Reta Clark descobre que a apresentação foi um sucesso, providencia outra em Oak Bay – uma escola cheia de jovens cujos pais têm alto poder aquisitivo, viajam constantemente e deixam os filhos sozinhos durante o fim de semana.

Depois dessa palestra, uma garota se aproxima de mim chorando. Exatamente no fim de semana anterior, quando seus pais estavam fora, ela convidou alguns amigos a sua casa. Antes que se desse conta, os “alguns” se transformaram em 80. Em questão de minutos, a situação estava fora de controle: móveis encharcados de cerveja; carpetes queimados por pontas de cigarros... Eram três da manhã quando ela conseguiu que todos fossem embora.

Ponho a mão nos seus ombros trêmulos e lhe digo que foi muito corajosa por dividir sua história comigo. Sugiro que ela conte aos pais sobre minha apresentação e o que aprendeu com ela. Talvez seja essa a abertura de que precise para fazê-los entender que agora sabe como a situação que criou poderia ter resultado em tragédia. Por milagre, ninguém ficou ferido. Seus pais podem estar aborrecidos, mas certamente verão que ela aprendeu com a experiência.

Enquanto a menina se afasta, percebo que a palestra me deu a oportunidade de estabelecer vínculos. Se consigo contar uma história que faça com que a meninada desabafe, isso pode fazer a diferença.



A família em paz: (em sentido horário, do alto) Michael, Sam, Katy e Emma.

Durante o verão, falei para 800 jovens. Acho que descobri o perfeito legado de Bob. Onde quer que eu encontre uma garotada disposta a ouvir e um lugar onde montar meu computador, consigo trazê-lo à vida e passar uma poderosa mensagem.

EM MAIO DE 2003, leio um artigo sobre reconciliação entre vítima e infrator e entro em contato com David Gustafson e Sandi Bergen da Organização Ações de Justiça da Comunidade, em Langley, Colúmbia Britânica. O processo, David explica, acontece depois que um intermediário, um “facilitador” treinado, prepara as partes. Nosso primeiro passo seria fazer indagações junto à Instituição Matsqui, onde Ryan está cumprindo pena. Escrevo a ele, explicando meu desejo em vê-lo. Está interessado, e David e Sandi marcam uma reunião para 27 de outubro.

Quando entramos na Matsqui, sinto um aperto no peito. Um guarda nos conduz por uma série de portões eletronicamente controlados. Um outro nos acompanha até uma sala onde aguardamos Ryan. Enquanto isso, tento dominar os meus maiores temores. *E se ele se mostrar desinteressado e incoerente?*

Ryan entra na sala. Quando senta, fico aliviada em ver um certo brilho nos olhos dele. David explica as diretrizes. A reunião será filmada, mas não poderá ser exibida a ninguém sem nosso consentimento.

Conversamos sobre nossas vidas cotidianas, cuidadosamente explorando o deserto deixado para trás no Ano-novo de 1997. Consigo me identificar com alguns aspectos do que Ryan diz. Presenciei o uso de drogas e álcool entre meus colegas. Mas nunca vivenciei a violência aparentemente tão preponderante no universo de Ryan.

Depois do almoço, Ryan me mostra um caderno que guardou. Seus desenhos são meticulosos: imagens realistas, detalhadas, em creiom. Entre as páginas, há fotos de familiares. Ele fala com respeito e consideração sobre sua família. O que teria acontecido para que, num átimo de segundo, ele pudesse demonstrar tamanho menosprezo pela minha?

Preciso que ele saiba do trabalho que estou desenvolvendo. É importante que eu não o faça sem o seu conhecimento. Ligo o *laptop*. Minha mão treme enquanto avanço pelas fotos que iniciam a história. Ryan não tira os olhos da tela.

O trabalho evolui de forma impressionante depois da minha reconciliação com o assassino do meu marido. Recebo solicitações de palestras de lugares como um centro de recreação que, nas noites de sexta-feira, oferece um porto seguro para adolescentes que, de outra forma, estariam perambulando pelas ruas, e uma escola que vem se recuperando da tragédia de um aluno ter esfaqueado um colega de turma.

As escolas fecham para as férias do inverno de 2003, e percebo que tenho trabalhado a todo vapor. Os 800 jovens que ouviram A história de Bob tornaram-se 1.100 em fins de junho, e estou atolada de pedidos. David Gustafson me liga antes do Natal e diz que há no correio um “maravilhoso presente” para mim. É um envelope de Ryan. Uma nota no envelope diz: “Espero que esta pequena história da minha vida lhe ajude em sua apresentação.”



Espero que ao ajudar Katy com seu programa, eu possa influenciar outros jovens a fazer escolhas melhores.

Dobrada dentro do envelope, encontro uma carta datilografada:

“MEU NOME É RYAN. Estou cumprindo pena de cinco anos em uma prisão federal por homicídio. Espero que, ajudando Katy com seu programa, eu possa influenciar os jovens a fazer escolhas melhores do que a que eu fiz.

Cresci na pequena cidade de Squamish. Conforme a maioria dos adolescentes do ensino médio, eu estava preocupado em fazer novos amigos e me integrar. Durante os primeiros anos da escola, fui perseguido, intimidado e maltratado. Infelizmente, não contei isso a meus pais e pensei que conseguiria lidar com o problema sozinho.

Acabei fazendo alguns ‘amigos’, e as bebedeiras e festas começaram. Minhas notas caíram, e quase não consegui me formar. Estive envolvido em três acidentes de carro relacionados com álcool, e também perdi um colega na noite de formatura por causa de um trágico acidente desse tipo. Em vez de sofrer, fiquei revoltado e comecei a procurar respostas em todos os lugares errados. Eu tinha 19 anos, e minha vida era um redemoinho fora de controle.

N

O ANO-NOVO DE 1997, um amigo estava dando uma festa. Não havia nenhum responsável na casa – os pais do meu amigo tinham viajado para fora da cidade. Eram cerca de 150 convidados, a maioria adolescente, e havia drogas e álcool por toda parte. Eu estava muito embriagado e ouvia música no andar de cima. Um convidado que eu não conhecia subiu, sugerindo que deixássemos a casa. Um colega meu começou a discutir com ele e o socou. Quando o estranho caiu no chão, eu o chutei também. (Quatro vezes, disseram-me mais tarde.) A confusão começou. Uma ambulância chegou, seguida da polícia.

Para evitar o confronto, saí com meus companheiros e segui para outra festa, sem saber que acabara de cometer o maior erro da minha vida.

Na manhã seguinte, fiquei sabendo que o homem morrera por causa dos ferimentos. Eu não sabia o que fazer. Não podia acreditar que era o responsável por aquilo. O que minha família pensaria de mim? Eu estava assustado – então o silêncio começou. Fui perseguido por pesadelos. Depois de quatro anos, comecei a desmoronar, até que rompi meu silêncio com um policial disfarçado. Eles agora tinham provas para me acusar. Minha família ficou arrasada. Por causa de meus atos terríveis, uma vida preciosa se perdeu. Um pai foi tirado dos filhos, um marido, de sua mulher, e um homem de sua família e amigos. A pergunta que me atormenta é: *por que fiz aquilo?* Talvez eu nunca encontre a resposta. Mas o que sei é que cumprir a pena é fácil comparado à culpa com a qual terei de conviver pelo resto da vida!”

Nada que eu diga às minhas platéias terá impacto maior do que essa mensagem. Mal posso esperar para incorporar a contribuição de Ryan à história de Bob. Em fevereiro, Ryan é transferido para a Instituição Ferndale. Quando pergunto ao padre Mako, o capelão, como Ryan se sentiria se eu fizesse uma palestra na Ferndale, ele responde: “Acho que ele quer fazer a apresentação com a senhora.” Fiquei surpresa.

Há cerca de 80 pessoas na platéia. Ryan está sentado ao lado de um facilitador. Quando chego à parte em que leio sua carta, convido-o a se levantar. Ouvimos atentamente cada palavra dele. Eu lhe agradeço por estar ali comigo e lanço um desafio à platéia: “Ryan e eu temos estado em jornadas paralelas. A oportunidade de nos mantermos unidos e depois partilhar a história com uma platéia tão receptiva é mais uma dádiva. O que fazemos está repleto de boas perspectivas. E insisto que vocês imaginem essas possibilidades.”

Depois das férias de verão na Inglaterra, espero com ansiedade nosso primeiro compromisso de palestra do outono. A imagem de nós dois sentados, pensando juntos, planejando as datas das apresentações, me diverte. Somos uma dupla inimaginável. No evento, vejo que as anotações que Ryan antes segurava desapareceram. Ele se coloca confiante no palco e deixa sua história fluir. Mais tarde, um repórter nos pergunta se nos consideramos amigos. Ficamos em silêncio. Ryan mexe os pés nervosamente. Não apresso a resposta.

“Sim, suponho que somos”, respondo, e continuo, explicando: “Se um amigo é alguém que você aprendeu a respeitar, alguém com quem você passou por situações e saiu junto do outro lado, então, sim, nós somos amigos.”

A AUDIÊNCIA DO PEDIDO de liberdade condicional de Ryan ocorre em 21 de dezembro de 2005. O Conselho Penitenciário concorda em deixar que eu me dirija a ele diretamente. Descrevo o crescimento que vi nele ao longo do trabalho que fizemos juntos. Depois, espero na capela da Ferndale pelas deliberações do conselho. Imagino a ansiedade que Ryan e sua família devem sentir enquanto aguardam em outra área da instituição. Menos de duas horas depois, somos convocados de volta à sala.

O Conselho Penitenciário decidiu liberar Ryan em regime de prisão semi-aberta para uma casa de reabilitação em Vancouver. Ele deve ficar lá até a data da soltura, prevista para abril de 2006. Depois, ficará em liberdade condicional até dezembro de 2007. O conselho quebra o protocolo e permite que eu veja a família de Ryan no saguão da capela. Abraçamo-nos como velhos amigos e nos limitamos a pronunciar a palavra “acabou”, repetidamente.

Dez dias depois, deliciosos aromas enchem o ar na nossa cozinha apinhada de gente. Ocupados nos divertindo, nos esquecemos de olhar o relógio. Antes que percebamos, faltam dez minutos para a meia-noite. Eu não fico acordada até essa hora, nessa data, há muitos anos. Em contagem regressiva dos segundos do último minuto, irrompemos em vivas quando o relógio bate meia-noite. Michael me abraça enquanto Emma e Sam dançam lá fora, no escuro, iluminados pela luz dos fogos de artifício que acendemos. Feliz Ano-novo!

CONTEÚDO

ONDE ESTÁ?

Algumas pessoas procuram pela felicidade da mesma forma que procuram pelos óculos que estão bem no nariz.

GUSTAVO DORZ, México